

Texto-base da Campanha de Quaresma de MISEREOR 2014

Como queremos viver e como iremos viver?

Opções para um mundo sem fome

de Dr. Uwe Hoering

Na Alemanha, uma cadeia de fast food publicita os seus hambúrgueres em cartazes enormes com o slogan "Se você odeia a fome".¹ Seria bom se fosse tão simples. Mas enquanto a fome perdeu o seu caráter ameaçador para a maior parte de nós, não passando de uma fórmula oca, milhões de pessoas neste mundo continuam a não ter acesso aos alimentos mais necessários. Este escândalo num mundo de abundância não se deixa erradicar com 3,50 euros, mas requer, sim, mudanças fundamentais na forma de como funciona o nosso sistema alimentar, do qual o hambúrguer é símbolo.

Meias-medidas na erradicação da fome

Primeiro a boa notícia: Em dezembro de 2012, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO por suas siglas em inglês) estabeleceu como objetivo, "eliminar a fome e todas as formas de insegurança alimentar e má nutrição no mundo", como afirmou o diretor geral da FAO, José Graziano da Silva.² Até aí, a comunidade mundial quis contentar-se com muito menos: O ODM-1 acordado em 1990 pelas Nações Unidas apenas visava reduzir à metade o número de famintos, até 2015.

Agora a má notícia: Provavelmente, nem sequer esta meta será alcançada. Segundo a FAO, que adotou um novo método de cálculo, o número de famintos diminuiu desde os inícios dos anos de 1990 para 842 milhões, em 2012, ou seja, caiu de 19% para 12%.³ Todavia, isso não se pode considerar um êxito a nível global:

- Cerca de 80% do declínio recai em só dois países, a China e o Vietnã. Nos 45 países mais pobres do mundo, porém, o número de famintos aumentou em 25%.⁴
- Se, ao invés do cálculo da FAO - tomarmos por base as necessidades calóricas realistas, o número seria 50% superior, atingindo quase 1300 milhões de pessoas.
- E ainda há um outro problema: Este cálculo apenas inclui pessoas que passam fome todo o ano. No entanto, muitas pessoas sofrem fome periodicamente, seja porque a colheita fracassou ou não chega para o ano inteiro ou porque só têm trabalho sazonal. Também não leva em conta o problema da alimentação desequilibrada. Por exemplo, em Uganda, onde a percentagem de famintos diminuiu de 10% para 18,6%, até 2005, a metade dos agregados familiares são considerados "inseguros em termos alimentares", uma em três crianças leva consigo efeitos nocivos de subnutrição ou de nutrição inadequada, como um atraso no desenvolvimento físico; muitas ficam cegas. E a percentagem voltou a subir nos últimos anos.

1 Cabe explicar que o anúncio em alemão é: "Wenn du Hunger hasst". "Hast" e "hasst" são palavras homófonas que possuem a mesma pronúncia, mas significados diferentes. "Hast" significa: você tem; "hasst" significa: você odeia.

² Comunicado de imprensa da FAO de 7 de dezembro de 2012, <http://www.fao.org/news/story/en/item/166157/icode/>

³ FAO, The State of Food Insecurity in the World 2013. Roma, outubro de 2012, <http://www.fao.org/publications/SOFI/en/>. Para dados mais detalhados sobre o desenvolvimento da situação ver: Índice da Fome Global 2013, publicado pela Ação Agrária Alemã (Welthungerhilfe) et al., outubro de 2013.

⁴ Magia numérica: Será que realmente há menos fome no mundo? Documento de trabalho para a conferência de imprensa de Brot für die Welt e FIAN por ocasião do Dia Mundial da Alimentação 2013. Ver também: Framing Hunger. A Response to 'The State of Food Insecurity in the World 2012', <http://www.foodfirst.org/en/Response+to+FAO's+State+of+Food+Insecurity+2012>

Portanto, se olharmos apenas para a estatística da fome, arriscamo-nos a perder de vista o desafio muito maior: Não só eliminar a fome aguda, mas garantir segurança alimentar.

Há muito que o direito humano à alimentação está geralmente reconhecido. Uma série de países o consagraram na sua Constituição. E o mundo já produz alimentos suficientes; ninguém teria que passar fome ou sofrer malnutrição. No entanto, a sua distribuição que não só se entende como uma ação humanitária, esbarra com os limites impostos pela pobreza persistente: Pequenos agricultores, trabalhadores sazonais nas áreas urbanas e rurais, idosos e doentes não têm possibilidades de prover ao seu próprio sustento.

Frequentemente, o seu pedaço de terra não produz o suficiente para poderem suportar os meses de fome, ou não têm uma renda regular e suficiente. Por isso, embora os preços dos alimentos tenham estado extremamente baixos (situação que mudou com a inflação dramática há cinco anos atrás), devido aos largos excedentes nos países industrializados, milhões de pessoas não tinham meios para comprar alimentos em quantidade suficiente.

Pelo menos agora, as subidas recentes dos preços do trigo, milho ou arroz alarmaram o público global: Afetam especialmente os que têm pouco dinheiro e que frequentemente têm de gastar a maior parte da sua renda em alimentos. E as previsões indicam que os tempos dos alimentos baratos terminaram e que, no futuro, teremos preços elevados e flutuantes. Acrescentam-se as deficiências do próprio sistema alimentar. Uma grande parte da produção agrícola perde-se entre o campo de cultivo e o prato. Perdas pós-colheita (por mau armazenamento) reduzem as quantidades disponíveis à alimentação, desperdício e destruição de alimentos nos supermercados e domicílios manifestam o escândalo de um sistema que, mesmo depois de ter aumentado a produção de forma impressionante, não é capaz de cumprir o direito humano à alimentação.

A fome tem muito padrinhos

As causas da fome e da insegurança alimentar são múltiplas: negligência da agricultura familiar e das regiões rurais, grilagem de terras, agroindústria, mudança do clima, mercado mundial e especulação, alto consumo e esbanjamento.⁵

Torna-se cada vez mais evidente que muitas destas causas estão estreitamente relacionadas com a forma de como os alimentos hoje em dia são produzidos, processados, negociados e comercializados. Há muito que a indústria agrícola e alimentar moderna tem evoluído para uma rede alargada, complexa e de alcance mundial, de produtores, comerciantes, processadores e supermercados, que interagem e se influenciam reciprocamente.

Num dos extremos deste sistema, no nível mais baixo, por assim dizer, estão os milhões de pequenos agricultores, com pouca terra e outros recursos. Segundo estimativas, produzem pelo menos a metade de todos os alimentos, preponderantemente para o seu próprio sustento, e vendem os excedentes nos mercados locais, a preços acessíveis.

Frequentemente são alimentos como milho ou mandioca, que condizem com as condições climáticas, as necessidades e os hábitos alimentares locais. No entanto, a maioria destas famílias não tem possibilidades de melhorar a produção e comercialização, ou competir com a vaga de produtos agrícolas importadas que conquistaram os mercados urbanos. Os governos, a indústria e a política internacional mostraram pouco interesse, até agora, em promover esta agricultura que, apesar do seu potencial, é considerada improdutiva e ultrapassada.

⁵ Ver texto-base da Campanha de Quaresma 2013

No outro extremo está a agroindústria. Em áreas extensas são plantadas monoculturas, com uso de maquinário sofisticado, destinadas muitas vezes à exportação. Nos países industrializados e em alguns países emergentes como o Brasil, o agronegócio produz excedentes que determinam os preços no mercado internacional e suplantam os produtos nacionais.

Nos últimos anos, a indústria agrícola e alimentar passou por um processo de integração horizontal e vertical, quer dizer, cada vez menos grandes empresas, comerciantes, processadores e supermercados controlam uma parte cada vez maior de toda a cadeia de abastecimento, desde o campo até o prato - o que lhes assegura a maior parte do 'valor acrescentado'.⁶ Detêm grande parte do solo, do comércio, das sementes e outros insumos, podendo assim exercer forte influência sobre as estratégias de desenvolvimento adotadas por governos e instituições de desenvolvimento internacionais na área agrícola.

Desde há alguns anos que se expandem cada vez mais para os países do Sul, por exemplo para a África, onde vão conquistando mais e mais terras. Em Uganda, centenas de famílias tiveram de abandonar as suas terras para dar lugar a uma nova plantação de café de uma empresa cafeeira alemã. Este "land grabbing" que ocorre em todos os continentes, aumenta o perigo de os pequenos agricultores, que não têm chances contra o poder concentrado de investidores e Estado, serem marginalizados ainda mais e forçados a abandonar as suas terras.

A fome é um sintoma feio deste sistema alimentar que, apesar de conseguir produzir uma abundância sem precedentes, cimenta a fome e a insegurança alimentar. Seus elementos incluem o autosustento insuficiente - seja das propriedades familiares, seja de países inteiros -, o aumento dos preços, condicionado pela especulação ou pelo uso de trigo e milho como forragem ou agrocombustível, a falta de poder de compra por parte das famílias carentes ou a concorrência através de dumping nas importações. A fome está embutida na malnutrição e subnutrição generalizadas, em condições de renda e vida inseguras e na impotência das populações rurais para influenciar as decisões agropolíticas.

A carne para os hambúrgueres, por exemplo, que, supostamente, devem saciar a nossa 'fome', provoca pobreza, perda de terra e fome estrutural nos países de onde é importada. Na América Latina, para criar espaço para a pecuária e a produção de forragens, desmatam-se florestas, expulsam-se pequenos agricultores das suas terras e cultiva-se soja em vez de alimentos. As plantações enormes só oferecem poucos empregos que, geralmente, são mal pagos; os agrotóxicos causam danos à saúde e ao ambiente.

⁶ Agropoly. Poucas multinacionais controlam a produção mundial de alimentos. Abril de 2011., <http://www.evb.ch/p19281.html>

Esperanças enganadoras

Desenvolvimento agrícola não significa redução da fome

Não só a FAO mas também muitos governos e organizações internacionais de desenvolvimento declararam o combate à fome como prioridade das suas políticas. Para tal pretendem intensificar os esforços para promover a agricultura nos países do Sul. Novos programas como o CAADP⁷, AGRA⁸ e a "Nova Aliança para Segurança Alimentar e Nutrição" das nações do G8, por exemplo, visam impulsionar progressos na África - em nome da luta contra a fome. Um elemento central desta política agrária é aumentar a integração dos pequenos produtores - que em muitos países africanos ainda representam 70 a 80% das unidades de produção – nas "cadeias de valor", através das companhias do agronegócio, estabelecimentos comerciais e cadeias de supermercados, abastecendo-os com sementes e adubos e proporcionando-lhes acesso a novos mercados. Mas só um número diminuto destes agricultores dispõe de terra e capital suficientes para poderem beneficiar desta "revolução verde". Para a maior parte, ou seja os agricultores mais pobres, tudo fica na mesma. No pior dos cenários, como se receia, acabarão por perder as suas terras aos novos investidores e, com isso, a base da sua segurança alimentar.

Experiências com os limites

Os recursos para a agricultura, como solos férteis, água, condições climáticas apropriadas, o rendimento das plantas e os depósitos de adubos fosfatados são limitados e muito desigualmente distribuídos sobre o globo. Em muitas regiões já estão esgotados.⁹ Não só se deve produzir cada vez mais alimentos básicos, como também, com o crescente bem-estar, cada vez mais alimentos de "maior valor", como produtos lácteos, carne ou peixe - sendo que "de maior valor" não necessariamente quer dizer que os produtos tenham uma qualidade nutricional e fisiológica mais elevada, mas antes que dão mais lucro. Além disso, aumenta a demanda de agrocombustíveis, forragens e matérias prima industriais como algodão ou caucho.

Uma saída é a permanente intensificação ou aumento da eficiência: mais adubação, fazendas e plantações cada vez maiores, tecnologia genética e distâncias de transporte mais longas, a fim de encher as prateleiras dos supermercados com produtos de todos os cantos do mundo. Estas medidas podem empurrar os limites do crescimento para mais longe, mas o preço que as sociedades, as pessoas, o meio ambiente pagam por isso é cada vez mais alto.

Em muitas regiões, os solos tornam-se inférteis pela sobreexploração e pelo uso intensivo de agrotóxicos. Os níveis dos lençóis freáticos diminuem dramaticamente, rios secam, florestas, savanas e pantanais desaparecem. A guerra de preços da indústria alimentar e cadeias de supermercados reduz a renda dos pequenos agricultores e os obriga a acompanhar a corrida por crescimento e eficiência ou a desistir. Desperdício e esbanjamento estão, em parte, incorporados a este sistema, por exemplo, pelos padrões de qualidade ou por exigências exageradas à aparência de frutas e legumes nas prateleiras. A publicidade encoraja um comportamento de consumo que reforça esta tendência. Mesmo assim, apesar dos enormes esforços e grandes promessas de eficiência, este sistema não consegue assegurar uma alimentação adequada para todos.

⁷ Comprehensive Africa Agriculture Development Programme, um acordo pelo qual os governos se comprometeram a aumentar os recursos destinados à agricultura - o que só poucos governos fizeram até agora.

⁸ Aliança para a Revolução Verde em África que é fomentada largamente pela Bill & Melinda Gates Foundation, a Rockefeller Foundation e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

⁹ http://www.fao.org/fileadmin/templates/wsfs/docs/Issues_papers/HLEF2050_Global_Agriculture.pdf

Numerosos estudos advertiram que "business as usual", um "continuar como sempre!" já não funciona. O 'Relatório Mundial Agrário', um estudo precursor levado a cabo por centenas de especialistas em agricultura, alimentação e desenvolvimento, por exemplo, exige uma mudança e, ao mesmo tempo, aponta o caminho a seguir.¹⁰

Quanto a uma solução existe consenso: Uma distribuição dos excedentes, seja através do mercado, seja através de ajudas alimentares e assistência de emergência, não chegará para alcançar o objetivo de erradicar a fome e a pobreza. É preciso começar por aí onde está uma das causas principais da pobreza persistente e da insegurança alimentar - a pequena agricultura, nas regiões rurais. Tal como o Relatório Mundial Agrário, muitos estudos revelaram que é possível, por meio de um aumento da produção familiar, melhorar o auto-abastecimento, abastecer os mercados regionais com alimentos e gerar renda, o que, por sua vez, poderia conduzir a uma espiral ascendente, nas regiões rurais, e até deter a destruição ambiental e o êxodo rural para as favelas das cidades.

No programa agrícola da Arquidiocese de Kampala, as pessoas estão convencidas de que a agricultura ecológica sustentável é a melhor abordagem para os pequenos produtores africanos. Pois, como em muitos países africanos, também no Uganda os campos de cultivo muitas vezes não têm um tamanho maior que o de um ou dois campos de futebol. Só com o uso intensivo, bem organizado e planejado é que conseguem produzir o suficiente para não terem que passar fome. E os custos também não podem ser elevados, porque as famílias não têm dinheiro para comprar adubos ou sementes. Ao mesmo tempo, os alimentos cultivados desta maneira, são mais saudáveis, mais diversificados e nutritivos.

Alimentos têm, por tanto, prioridade. Os agricultores e agricultoras são incentivados a cultivar o que eles próprios podem comer; depois podem vender os excedentes. Também gado bovino, cabras, ovelhas ou galinhas ajudam a melhorar a alimentação e aumentar a renda. Uma exceção é o café. Este funciona como um tipo de caixa automática, dado que os grãos podem ser vendidos rapidamente a pequenos comerciantes, quando necessário. Mas os agricultores recebem também assessoria técnica para melhorar a qualidade, dado que o café orgânico ou do comércio justo pode ser exportado e produzir receitas mais elevadas.¹¹

No Brasil, por exemplo, o governo promove e apoia iniciativas da agricultura familiar, na medida que compra produtos agrícolas das propriedades familiares, no âmbito do programa "Fome Zero", e os distribui a escolas e famílias carentes. Na Índia, uma lei sobre segurança alimentar, o National Food Security Act, foi aprovada em setembro de 2013, que visa garantir a 70% da população um suprimento básico de cereais, comprados em pequenos empreendimentos rurais a preços garantidos.

¹⁰ www.weltagrarbericht.de

¹¹ Uganda é o país em foco da Campanha de Quaresma 2014 de Misereor. Os materiais da Campanha descrevem detalhadamente os êxitos e expectativas de uma agricultura sustentável.

Segurança alimentar - soberania alimentar

Quando organizações como a FAO falam de "segurança alimentar", inclusive a erradicação da fome e malnutrição, põem a tônica no acesso a uma alimentação adequada e saudável, por exemplo, através de rendimentos suficientes e disponibilidade de alimentos a preços acessíveis. Por outro lado, a exigência de "soberania alimentar", que há alguns anos domina os debates, coloca a ênfase na forma de como os alimentos são produzidos, para alcançar segurança alimentar num sentido muito mais amplo, para as famílias individuais, as regiões, o país e - a bem dizer, também a nível mundial: quando cada indivíduo estiver abastecido, também haverá segurança alimentar a nível mundial. Esta abordagem, desenvolvida pelo movimento internacional de camponeses, La Via Campesina, não só consiste em aumentar a produção e melhorar a distribuição. Prioridade é atribuída à preservação e ao desenvolvimento da agricultura familiar que, na sua "multifuncionalidade" não só produz e fornece produtos agrícolas, como também gera empregos, protege o meio ambiente e diminui a dependência de importações e das flutuações nos preços especulativos que as acompanham e permite uma maior independência das grandes empresas que controlam o mercado mundial. Para tal, os agricultores e agricultoras, que em muitos países ainda representam a maioria da população, deveriam desempenhar um papel mais importante, também no plano político.¹²

Criar espaços

Todavia, para que tais alternativas possam funcionar a longo prazo, é necessário que haja algumas mudanças fundamentais, também aqui na Europa. Os excedentes agrícolas que dificultam a vida aos agricultores do Sul devem ser reduzidos. A produção excedentária é, em larga medida, fomentada pela política agrícola europeia. Isto inclui também, deter a expansão do agronegócio que, depois de ter conquistado os mercados mundiais de alimentos, agora deita mão à agricultura dos países do Sul, procurando terra, água e mercados locais para produtos agrícolas, sementes e adubos. A pressuposição de que os problemas podem ser resolvidos pelo crescimento contínuo do agronegócio, há muito que se revelou ilusória. Aqui como lá se torna cada vez mais evidente: Em vez de continuar promovendo a agricultura industrial, é preciso ampliar sistematicamente o apoio à agricultura familiar, a qual não apenas engloba possibilidades de eliminar a fome e a pobreza, mas também pode refutar a pretensão da indústria de ser ela a única possibilidade de alimentar o mundo.

O exemplo mais atual e controverso disso é, sem dúvida, a indústria da carne. Na Alemanha e na Europa, numerosas novas instalações de criação de galinhas estão atualmente em construção ou em planeamento, com uma capacidade de abate de centenas de milhares de animais por dia. Dado a demanda nacional já estar amplamente coberta, a carne destina-se, sobretudo, à exportação. Nos países importadores isso conduz à exclusão de criadores de aves, pequenas empresas de processamento e comerciantes locais. Ao mesmo tempo, a importação de forragens aumenta e propulsiona a transformação de uma agricultura que produz alimentos em grandes fazendas em mãos de algumas poucas empresas que operam a nível mundial. Acrescentam-se numerosos problemas ambientais, na Alemanha como nos países fornecedores das forragens.

¹² Para a diferença entre soberania alimentar e sistemas de produção industriais, veja o texto-base da Campanha de Quaresma 2013

Estilo de vida sustentável

Os problemas associados à indústria da carne fizeram surgir um novo e amplo movimento: além dos protestos, como por exemplo em Wietze, uma localidade próxima de Celle, no Estado de Baixa-Saxônia, onde milhares de manifestantes bloquearam um novo matadouro em agosto de 2013, muitos consumidores e consumidoras adotam consequências individuais: comer menos carne, tornar-se vegetariano, ou até vegano. Deste modo, os consumidores mostram o cartão vermelho à indústria e convertem o seu padrão de consumo numa afirmação política. Acresce que estudos demonstram que um consumo excessivo de carne é prejudicial para a saúde, e não só quando se trata de escândalos envolvendo carne podre ou antibióticos e hormonas nos enchidos.

Como se pode ver no exemplo referido, os problemas do sistema alimentar podem ser uma força motriz para o surgimento de movimentos e protestos de consumidores e para a busca de alternativas. Considerando a importância capital da alimentação para o estilo de vida, o bem-estar e a saúde, e os impactos negativos - evidentes desde há muito -, não surpreende que muitas das abordagens por uma "vida diferente" comecem por aqui, onde se pode implementar, de forma relativamente fácil, mudanças no comportamento individual.

Entre os precursores da campanha contra o apetite por carne manifestado pela indústria e pelos consumidores, destacam-se os produtos biológicos que, prometendo mais sabor, saúde e respeito pela natureza, conquistaram os supermercados. Paralelamente surgiu o Comércio Justo, um movimento que critica o sistema do comércio internacional e que se orienta pelos princípios de justiça e solidariedade, para além das fronteiras - também este movimento está em flecha. A ideia de 'slow food' - em contraste deliberado com o fast food - centra-se na qualidade, a degustação consciente do alimento e da comida, o uso de produtos regionais e tradicionais e a compra direta dos produtores. Também esta ideia está ganhando amplitude e já atingiu o mundo dos cozinheiros renomados.

É certo que os consumidores estão no final da cadeia de produção e a sua influência é limitada, mas, não obstante, o seu comportamento emite um sinal. E pode apoiar a transição: Na 'agricultura solidária', os consumidores e consumidoras dão incentivos e segurança aos agricultores, na medida em que asseguram o escoamento da produção e, em alguns casos, contribuem no financiamento.¹³ De maneira similar, as associações de consumidores e produtores, lojas da quinta ou feiras do agricultor podem fomentar a agricultura familiar regional. No Brasil ou no Equador formaram-se grandes redes de associações, que abastecem regiões inteiras com produtos da agricultura familiar.

Novos modelos de bem-estar

Diante destas tendências que se observam no exemplo da indústria da carne, não surpreende que a revisão do sistema alimentar desempenhe um papel essencial na busca de novos caminhos de saída das diversas crises. No relatório "Mundo em Mudança" do Conselho Científico do Governo Federal para mudanças globais do meio ambiente (WBGU), o uso da terra - junto com a energia e a urbanização - assume um papel-chave para a "grande transformação".¹⁴ Com a crise energética, a mudança do clima, a crise alimentar persistente e o poder de bancos, bolsas e companhias, o modelo de crescimento vigente está posto à prova. Propõem-se novas abordagens como "De-growth" (decrecimento) e conceitos de uma "economia verde".

¹³ www.solidarische-landwirtschaft.org

¹⁴ WBGU, Mundo em Mudança. Contrato social para uma grande transformação, Berlim 2011.

É certo que uma transformação tem repercussões num estilo de vida que só sobrevive à custa da exploração no Sul, incluindo a fome e a pobreza, e que o cientista Ulrich Brand designa de "estilo de vida imperial". Ao lado do Produto Interno Bruto como indicador (enganador) de crescimento econômico e prosperidade, surgiram entretanto outros critérios, como o "indicador de felicidade". A Comissão de Averiguação do Parlamento Alemão que, em maio de 2013, apresentou o seu relatório, propõe a criação de um novo modelo de prosperidade e progresso, cujos indicadores refletiriam o nível de prosperidade e qualidade de vida na Alemanha.¹⁵ O "buen vivir", a proposta latino-americana do "bem-viver" em harmonia com a natureza e seus semelhantes, é objeto de intensos debates.

Já há muito que não só se partilha o carro, através do 'carsharing', mas também a máquina de furar ou de cortar a relva. 'couch surfing', redes de intercâmbio, lojas gratuitas e moedas locais são só algumas das numerosas abordagens para formas alternativas de viver. As publicações, eventos e histórias da capa sobre efeitos positivos de tal mudança do estilo de vida já são inúmeros. O teor: Um consumo mais moderado mas mais consciente pode trazer mais satisfação, mais tempo, maior qualidade de vida, como também promover a coesão social e a proteção ambiental.

A campanha "Minha Agricultura"

"Quantos agricultores ainda haverá em dez anos na Alemanha e na Europa? O que cultivarão? Como serão as nossas paisagens? Que preço pagaremos nas lojas por esses produtos? Quão caro sairão à nossa sociedade, à nossa saúde e ao meio ambiente a agricultura e o nosso regime alimentar?"

"A política agrária europeia é um desafio para todos os contribuintes, consumidores e todos os eleitores. Isto não apenas se refere a subvenções, mas também à proteção do clima e biodiversidade, à qualidade da água e da terra, ao desenvolvimento regional e à proteção animal, à escolha das futuras tecnologias e, acima de tudo, à qualidade da nossa comida e à nossa saúde. É uma questão de combate à fome mundial e por justiça global."

"Com a campanha "Minha Agricultura", organizações de várias áreas da sociedade pretendem formular perguntas à sociedade e buscar soluções conjuntas: Em quintas, comunidades urbanas e rurais e na internet. Buscamos o diálogo entre agricultores e consumidores, também para além das fronteiras da Alemanha. Queremos desenvolver perspectivas sustentáveis, compreender as interligações e apreciar os nossos alimentos e as nossas paisagens. Nós sabemos: Continuar como até agora não é uma opção."

"Por isso queremos ousar mais democracia, também na comida. Assumimos responsabilidade e colocamos o bem comum, onde for preciso, à frente e acima dos interesses individuais a curto prazo. A política alimentar e agrária da Europa é assunto nosso. Os ajustes necessários são: medidas políticas e regulação, subvenções, pesquisas, investimentos, regras de comércio, proteção do consumidor - há muitas agulhas que - sob a primazia da transformação - devem ser acertadas."

Da Declaração da campanha "Minha Agricultura"¹⁶

¹⁵ Relatório final da Comissão de Averiguação "Crescimento, Prosperidade, Qualidade de Vida - caminhos rumo à Economia Sustentável e Progresso social na Economia Social de Mercado". Parlamento Alemão, Documento parlamentar 17/13300, 03-05-2013

¹⁶<http://www.meine-landwirtschaft.de/wir.html>. Misereor participa da Campanha.

Transformação complicada: Menos e mais

A forma como nós nos alimentamos já levou e ainda leva muitas pessoas a questionar o "sistema", uma vez que existe uma estreita ligação entre este sistema e a fome e pobreza, a mudança do clima e a crise energética, a perda de recursos, os problemas ambientais, os riscos à saúde e muitos outros problemas, entre os quais o desperdício ou os recorrentes escândalos alimentares são apenas as pontes repugnantes do iceberg. A cadeia de abastecimento inteira deve ser transformada, desde a agricultura, o processamento, a distribuição e comercialização, o desperdício implícito até a publicidade sedutora, ela deve ser virada de cabeça para baixo, por assim dizer, do controle por parte da indústria agrícola e alimentar, com a sua pressão de crescimento e o interesse prioritário em poder do mercado, para as bases da agricultura familiar e suas necessidades específicas.

Sucintamente, as propostas orientam-se em duas direções: Primeiro, Menos para nós, aqui: menos carne, menos consumo supérfluo, menos esbanjamento. Isso faria com que houvesse menos importações e um melhor uso de recursos como terra, água e energia, que agora estão sendo desperdiçados. Isso não apenas ajudaria muitas pessoas nos países do Sul, que agora pagam o preço do nosso estilo de vida, mas proporcionaria condições para desenvolver e aumentar a produção local e difundir abordagens alternativas bem-sucedidas.

Porque, em segundo lugar, é necessário que os países do Sul produzam mais - mas para o seu próprio consumo e não prioritariamente para a exportação, para as "cadeias de criação de valor" das multinacionais. O reconhecimento de um direito à alimentação não tem este alcance. Para tal, precisa-se de 'soberania alimentar', a livre decisão de países e populações de como desejam configurar a sua agricultura. Mais alimentos devem ser produzidos lá, onde são necessitados e de tal modo que a produção satisfaça as necessidade e empurre o desenvolvimento econômico. Foi assim que, com uma agricultura sustentável adaptada, os agricultores e agricultoras ugandeses conseguiram produzir mais e alcançar segurança alimentar, formação para os seus filhos e uma modesta prosperidade. Como eles, milhões de famílias rurais têm o mesmo potencial.

O denominador comum de "Menos no Norte" e "Mais no Sul" é um outro sistema alimentar, a nível global. Cada um de nós pode, individualmente, fazer o teste e ver se é verdade que isso traz mais felicidade, qualidade de vida e satisfação. Em termos sociais e a nível mundial, porém, provavelmente ainda levará algum tempo para vencer as múltiplas oposições e as poderosas resistências contra tal transformação.